

DA QUIMIOTERAPIA À COZINHATERAPIA: UMA ANÁLISE DO ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO -TERAPIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Carlos Augusto CARVALHO DE SOUZA
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Constitui o objetivo deste trabalho apresentar algumas análises sobre o comportamento morfológico de formações com -terapia à margem direita de palavras complexas no Português Brasileiro. Sabe-se que a etimologia do formativo em questão se refere ao grego “θεραπεία”, significando “cura/tratamento” num contexto medicinal, dando forma a compostos como “αεροθεραπεία” ‘aeroterapia’ e “ακτινοθεραπεία” ‘radioterapia’. À época do Renascimento, as línguas que faziam ciência na Europa recorreram a radicais gregos e latinos para estabelecer um vocabulário técnico-científico unificado. Nesse sentido, os manuais de Medicina valeram-se tanto do radical “terapia” quanto de seu formativo para cunhar os diferentes tratamentos de que dispunham. Assim, no português e noutras línguas, surgiram formações como “quimioterapia”, “musicoterapia” e “cardioterapia”, evidenciando suas características de composto neoclássico, segundo Gonçalves (2011b). No entanto, ao longo dos anos, o formativo -terapia encaminhou-se para além da esfera técnica, apresentando uma significação um pouco diferente da original. Ocorre, dessa forma, uma ressemantização do caráter medicinal que leva a uma nova percepção sobre o formativo, que remete a uma espécie de “relaxamento mental, práticas de bem-estar”. A nível de exemplificação, temos as recentes formações “sexoterapia”, “docoterapia”, “chocoterapia”, “cozinhaterapia” e “sambaterapia”, as quais aludem a práticas que possibilitam não necessariamente um tratamento medicinal, mas, sim, prazer. Para embasar esta análise, levantou-se um corpus com 232 formações do tipo X-terapia. Além disso, nota-se em dicionários e gramáticas que não há uma definição estabelecida de forma definitiva sobre o formativo em questão, expressando, portanto, uma inconsistência categorial. Por isso, impõe-se observar a categorização dessa unidade morfológica, submetendo-a à classe dos afixoides, uma vez que ela compartilha propriedades de palavra e de radical neoclássico, estando, assim, no meio do caminho entre a derivação e a composição neoclássica.*

PALAVRAS-CHAVE: *Formações X-terapia. Composição Neoclássica. Derivação. Continuum Composição-Derivação. Afixoide.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo descrever o estatuto morfológico do formativo -terapia no Português Brasileiro contemporâneo. Sua origem remete ao grego *therapeía*, que significava originalmente ‘cuidado’, ‘atendimento’ ou ‘tratamento’, derivando do verbo *therapeúō*, ‘curar, tratar, cuidar’, como se observa em formações como fisioterapia, apiterapia e psicoterapia. No português, tais palavras tendem a ser analisadas como compostos neoclássicos, nos termos de Gonçalves (2011), uma vez que resultam da combinação de formativos de origem erudita e apresentam relativa estabilidade semântica em seus constituintes. No entanto, a emergência de formações mais recentes, como pipaterapia, aromaterapia e cristalterapia, parece tensionar esse estatuto, na medida em que esses vocábulos exibem propriedades comumente associadas a processos derivacionais.

A expansão do inventário lexical do Português Brasileiro nas últimas décadas tem sido marcada pela produtividade de unidades complexas que refletem a dinâmica e a criatividade dos falantes. O elemento -terapia é um caso paradigmático dessa vitalidade, apresentando uma evolução semântica e morfológica que se estende dos contextos mais

Da quimioterapia à cozinhatapia: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

formais e técnicos, como quimioterapia, a criações vernaculares e expressivas que denotam bem-estar e alívio, como cozinhatapia. Analisar essa trajetória, que migra da patologia à prática social, impõe a necessidade de um estudo detalhado do estatuto morfológico desse elemento, que se insere na segunda posição das palavras compostas, funcionando como cabeça lexical em construções com bases livres (cãooterapia) e presas (hidroterapia).

Para a tradição gramatical, o elemento -terapia é rotulado como um elemento de composição pospositivo (Cunha; Cintra, 2017, p. 127). Uma vez que sua origem é grega, essa classificação insere -terapia no acervo dos radicais neoclássicos, elementos de origem grecolatina que ressurgiram com a nomenclatura técnico-científica, especialmente a partir do século XIX, e que figuram tradicionalmente em dicionários e gramáticas (Gonçalves, 2011b). Entretanto, essa categorização se revela inconsistente quando se confronta essa descrição histórica com o uso contemporâneo. As gramáticas tradicionais, ao descreverem os processos de formação de palavras, não conseguem capturar o comportamento das novas formas complexas X-terapia, que se atualizam de maneira diversa daquela descrita nessas obras. Isso ocorre porque, impulsionada pelo uso, a semântica de -terapia se expandiu do sentido estritamente medicinal para significados mais amplos de "relaxamento" ou de "prática que oferece bem-estar" (como em risoterapia ou esporteterapia). A categorização de unidades morfológicas, tradicionalmente voltada para a organização em entidades discretas e compartimentos estanques, não se ajusta de forma satisfatória quando os elementos não apresentam todos os atributos de uma única classe, resultando em uma descrição parcial.

A dificuldade reside no fato de que o formato de categorização clássico assume a existência de uma fronteira rígida entre a composição e a derivação. A composição e a derivação são processos de formações de palavras vistos como totalmente distintos por alguns autores. Contudo, essa visão dicotômica falha ao tentar classificar os elementos que se encontram em posições intermediárias, não atingindo as expressões que transitam entre os conceitos e focando apenas os representantes prototípicos situados nos polos extremos.

Em contrapartida a essa rigidez, uma robusta linha teórica defende a inexistência de fronteiras rígidas entre os processos de formação de palavras. Autores como Bauer (2005), Gonçalves e Andrade (2012), Kastovsky (2009) e Ralli (2010) advogam que o que existe é um continuum morfológico. Essa escala abarca desde os casos mais prototípicos de composição, passando por formações que compartilham características de ambas, até os casos mais prototípicos de derivação.

Uma análise preliminar dos critérios empíricos mostra que o formativo em questão apresenta um número balanceado de traços que o aproximam tanto do polo composicional quanto do derivacional. Essa distribuição sugere que: (i) o formativo não é um representante modelar de uma unidade da composição e (ii) sua categorização exige um olhar menos rígido que o oferecido pelas gramáticas tradicionais, as quais se mostram insuficientes para explicar sua complexidade.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo principal analisar o estatuto morfológico do formativo -terapia no Português Brasileiro contemporâneo, utilizando o quadro teórico do continuum composição-derivação para propor uma categorização que seja mais condizente com a heterogeneidade do comportamento desse formativo. Ao longo do texto, serão detalhados os critérios empíricos que levam a essa caracterização híbrida, explicando como a mudança no estatuto morfológico reforça a necessidade de se reavaliar a categorização do formativo no PB (Gonçalves, 2015).

Este trabalho, portanto, parte da hipótese de que -terapia não constitui um caso excepcional, mas um exemplo contundente das limitações dos modelos tradicionais de categorização aplicados à morfologia do português.

1. METODOLOGIA

Realizou-se, primeiramente, uma investigação etimológica do item “terapia” em dicionários etimológicos consultados na Biblioteca José de Alencar (Faculdade de Letras/UFRJ) e em bases disponíveis na Internet, com recurso às seguintes obras: Figueiredo (1913) e Nascentes (1966), além do Dicionário Grego-Português, organizado pela Prof.^a Maria Helena de Moura Neves, utilizado para a verificação dos valores semânticos desse item originalmente grego e de seus desdobramentos.

Depois, uma revisão de literatura foi promovida a fim de se compreender as abordagens com que se tratam a composição neoclássica (Bauer, 1988; Caetano, 1995; Gonçalves, 2011b; Lüdeling, 2006; Marchand, 1969; Petropoulou, 2009; Ralli, 2008; Sandmann, 1985, 1991; Scalise, 1984; Schmidt, 1987; Villalva, 1994) dos processos de composição e derivação na formação de palavras (Andrade, 2013; Bauer, 2005; Gonçalves, 2011a, 2011b, 2012; Gonçalves e Andrade, 2012; Kastovsky, 2009) na descrição efetiva do formativo em questão.

De caráter majoritariamente qualitativo, esta pesquisa descreve e analisa construções X-terapia, contemplando desde formações antigas de matriz neoclássica até usos recentes, sob a perspectiva teórica do continuum composição-derivação. Para esse fim, constituiu-se um corpus de 232 ocorrências, coletadas em dicionários impressos e digitais, na internet (Google, redes sociais e portais de notícias) e em registros da realidade material (conversas, fachadas e peças publicitárias). As formações foram, então, sistematizadas em planilha e examinadas segundo a base a que se adjunge -terapia, o estatuto morfológico dessa base (livre ou presa) e sua categoria, além do significado corrente atribuído à palavra complexa. A partir desse levantamento, investigou-se em que medida o caráter neoclássico associado à incorporação inicial de -terapia ao léxico do português permanece pertinente e até que ponto o elemento conserva (ou desloca) o traço semântico medicinal.

2. COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA

Estudos em Morfologia têm destacado que a composição neoclássica envolve a articulação de elementos oriundos do grego e do latim que, embora amplamente empregados nas línguas modernas, não se integram plenamente ao seu sistema lexical. Gonçalves (2011b), por exemplo, assinala que tais elementos – como socio-, xeno-, -pata e -fobo – adquirem especial relevância em terminologias técnico-científicas, justamente por funcionarem como unidades de circulação internacional. O autor situa o incremento de sua produtividade entre os séculos XVII e XVIII, período marcado pela revalorização das línguas clássicas como instrumentos de comunicação erudita; tal produtividade se intensifica entre os séculos XIX e XX, quando o avanço das ciências impulsiona a criação manufaturada de nomenclaturas universalizantes, sobretudo nos domínios das áreas de especialidade (medicina, geografia, botânica etc.).

Uma característica recorrente desses formativos é o fato de derivarem de itens que, nas línguas de origem, podiam ocorrer como palavras independentes, mas que, nas línguas atuais, comportam-se como constituintes presos. Diferenciam-se também dos afixos, cujo conteúdo tende a ser mais geral e de menor densidade (Gonçalves, 2011a). Além disso, a presença de vogais de ligação, com destaque para o “o” de origem grega e o “i” de origem

Da quimioterapia à cozinhatrapia: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

latina, constitui outro traço distintivo, atuando como elemento coesivo entre as bases, como se observa em ‘cosm-o-nauta’ e ‘herb-í-voro’, respectivamente. No português, a vogal -o- tem emprego mais frequente, inclusive em estruturas formadas por componentes de procedências diversas, a exemplo de ‘gen-o-cídio’, com o primeiro de origem grega e o segundo, latino.

A classificação desses elementos morfológicos permanece problemática, pois oscilam entre o comportamento de radicais e o de afixos. Bauer (2005) observa que vocábulos como geólogo, agronomia e cronômetro exemplificam bem essa ambiguidade: podem ser analisados como combinações de dois radicais ou como estruturas que envolvem prefixação e sufixação. Essa zona intermediária torna-se ainda mais evidente nos elementos chamados de “segunda posição”, como -logo, -terapia, -mania e -metro, cuja funcionalidade aproxima-se simultaneamente de afixos e de bases lexicais, uma vez que contribuem tanto para a categorização gramatical quanto para a constituição semântica da palavra resultante.

Além disso, o grau de assimilação desses radicais varia fortemente. Alguns, como -metro e -logo, mostram alta produtividade e aparecem em criações recentes (foturômetro, funkólogo); outros permanecem restritos a palavras cristalizadas, sem participar ativamente de novas formações, como cardio- e -nomo, por exemplo. A composição neoclássica, portanto, não constitui um bloco homogêneo, mas um conjunto heterogêneo de mecanismos estruturais cujos níveis de integração diferem entre si e entre as diversas línguas que os adotam.

As interpretações propostas pela literatura também divergem. Lüdeling (2006) argumenta que esses elementos não podem ser tratados como simples empréstimos, já que estabelecem combinações complexas tanto entre si quanto com unidades vernaculares, como em hidromassagem. A autora propõe que o termo “neoclássico” deve ser entendido não apenas sob o prisma etimológico, mas levando em conta sua vitalidade e sua inserção real nas línguas contemporâneas. Outrossim, defende que tais bases funcionam como constituintes presos que não exibem seleção fixa para a posição precedente ou subsequente, característica que lhes confere alto grau de flexibilidade combinatória.

Outras abordagens ressaltam aspectos distintos. Ralli (2010), a título de exemplo, ao examinar formações deverbais no grego moderno, demonstra que elementos clássicos continuam a desempenhar papel produtivo naquela língua, preservando transparência semântica e compatibilidade tanto com radicais nativos quanto com outros de origem clássica. A autora propõe, inclusive, um continuum de produtividade para esses formativos, indicando que muitos passaram a desempenhar funções inovadoras em contextos contemporâneos.

Ainda sobre as características dos compostos neoclássicos, Ralli (2010) propõe uma perspectiva que cunha de “Internacionalismo”, assim dizendo, que visa a comprovar o comportamento semelhante de radicais gregos em outras línguas. A partir da análise da tabela comparativa abaixo, pode-se perceber que -terapia expressa um comportamento morfológico e semântico de maneira igual a que pratica no Português em formações eruditas, isto é, mantém-se junto e à direita da base. Assim, é possível perceber que o formativo, ainda que em outras línguas, mantém o seu caráter neoclássico.

Quadro 1. Breve comparação de -terapia em formações neoclássicas em línguas de diferentes famílias.

PORTUGUÊS	AZERBAIJANO	LUXEMBURGUÊS	SUECO	TCHECO
aeroterapia	aeroterapiya	aerotherapie	flygterapi	aerotherapie
fototerapia	fototerapiya	phototherapie	fototerapi	fototherapie
fisioterapia	fizioterapiya	physiotherapie	fysioterapi	fyzioterapie
quimioterapia	kimyaterapiya	chemotherapie	kemoterapi	chemotherapie
cardioterapia	kardioterapiya	kardiotherapie	kardioterapi	kardioterapie

Fonte: Google Tradutor/elaboração do autor.

Sob uma perspectiva classificatória, Petropoulou (2009) argumenta que a heterogeneidade é constitutiva desse domínio morfológico. Ela distingue categorias como “raízes clássicas”, “radicais presos” e “formas combinatórias”, além de separar formações integralmente compostas por elementos clássicos daquelas que mesclam componentes clássicos e vernáculos, como *agricultor*, *agromoda* ou *agrobóio* (Higino da Silva, 2016). Apesar da diversidade, a autora identifica pontos de convergência que justificam a reunião desses formativos em uma categoria própria, entre eles a origem histórica comum e a ausência de uso como palavras autônomas nas línguas de chegada.

Bauer (2005), por sua vez, concentra-se na configuração sintática e semântica desses compostos. Para o autor, trata-se de estruturas majoritariamente endocêntricas, nas quais o núcleo ocorre à direita, como em *geologia* e *fotografia*. Ele enfatiza a alta densidade semântica dos radicais neoclássicos, frequentemente comparável à das unidades lexicais nativas, e a presença de elementos de ligação pouco usuais na composição vernácula. Além disso, destaca a dificuldade de circunscrever esses formativos a uma única classe, já que interagem tanto com afixos quanto com bases do vernáculo, revelando ampla produtividade em diferentes contextos.

Por fim, Gonçalves (2011b) problematiza a tendência de se tratar a composição neoclássica como um conjunto uniforme. O autor defende uma análise caso a caso, considerando o comportamento específico de cada elemento nas línguas em que ocorre. Observa que certos itens, como *-terapia* e *-mania*, possuem equivalentes livres no português, enquanto outros são empregados somente como formas presas, como em *fumódromo* e *beijólogo*. Para Gonçalves (2011b), essa variabilidade evidencia o caráter híbrido desses formativos, posicionados entre as categorias de afixo e de radical, e reforça a necessidade de abordagens analíticas mais flexíveis para compreender seu papel na morfologia contemporânea.

Os dados apresentados neste trabalho dialogam diretamente com essa posição, na medida em que mostram que *-terapia*, embora historicamente associado à composição neoclássica, ultrapassa os limites dessa categoria ao se integrar produtivamente a bases vernaculares no português contemporâneo.

3. CONTINUUM COMPOSIÇÃO-DERIVAÇÃO

A morfologia distingue duas operações fundamentais: o processo que funde unidades lexicais plenas (composição) e aquele que agrega elementos ligados a uma raiz (derivação). Tradicionalmente, essa distinção é concebida de modo binário e excludente, seguindo um esquema classificatório de natureza categórica. Nesse enquadramento, cada procedimento deve satisfazer integralmente um conjunto de critérios definidores, resultando em uma visão compartimentada e estanque. Contudo, investigações contemporâneas — entre as quais se

Da quimioterapia à cozinhatéria: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

destacam trabalhos de Bauer (2005), Kastovsky (2009), Gonçalves (2011^a, 2012), Gonçalves e Andrade (2012) e Andrade (2013) — adotam uma orientação distinta, ancorada na noção de protótipo formulada por Rosch (1978). Nessa perspectiva, os formativos são organizados ao longo de um continuum, no qual ocupam posições que variam conforme seu grau de tipicidade em relação a uma unidade prototípica. Desse modo, categorias morfológicas, como as em questão, passam a ser entendidas em termos de gradiência, e não como compartimentos rigidamente delimitados.

Bauer (2005), por exemplo, defende que os limites entre os dois processos são permeáveis, permitindo até mesmo a reanálise de algumas formações, ainda que a mudança no sentido inverso seja menos comum. Especificamente sobre os compostos neoclássicos do inglês, observa que estes se constituem a partir de radicais, e não de palavras autônomas, o que os distancia da definição canônica de composição. Ainda assim, itens como *philosophy* possuem características fonológicas e semânticas que sustentam a denominação “composto neoclássico”. Para o autor, a variabilidade funcional desses formativos não anula a distinção teórica, mas revela a dificuldade em traçar fronteiras absolutas.

Kastovsky (2009) propõe um modelo escalar para os mecanismos de formação lexical, abarcando desde a composição plena até procedimentos como truncamento e cruzamento vocabular. Sugere que tais padrões se organizam em um espectro contínuo que parte de palavras inteiras e avança em direção a constituintes progressivamente menos independentes: radicais presos, afixoides (elementos que participam dessa categorização binária, derivação/composição), afixos genuínos e splinters (fragmentos originados de palavras ou radicais, como *-nejo* ou *-drasta* no Português Brasileiro). Em sua abordagem, o autor não isola os processos dos elementos formativos, ressaltando que a natureza do constituinte é decisiva para identificar o tipo de operação morfológica envolvida. O autor apresenta, assim, uma sequência graduada de elementos morfológicos: composição (palavra) → composição com base presa (radical) → 20 recomposição (afixoides) → afixação propriamente dita → composição por truncamento → cruzamento vocabular → formações com splinters → acronímia.

Gonçalves e Andrade (2012), na linha de Kastovsky (2009), propõem uma tabela de diferenças entre os processos de composição e de derivação. Nela, constam as diferenças prototípicas de cada polo. Esses processos, fundamentais na criação de novos itens lexicais, são tradicionalmente abordados nos estudos morfológicos como os dois principais mecanismos de formação de palavras. Contudo, a literatura atual, na esteira de Gonçalves (2011a) e Kastovsky (2009), alerta que a distinção entre composição e derivação deve ser interpretada como polos prototípicos de um continuum, e não como uma separação rígida.

A seguir, apresenta-se o quadro comparativo proposto por Gonçalves e Andrade (2012) que sistematiza as características que distinguem os casos mais emblemáticos de composição e derivação, abrangendo aspectos estruturais, fonológicos, semânticos e de produtividade.

Quadro 2. Principais diferenças entre composição e derivação.

	Composição	Derivação
Unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré- determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou é direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica	Realização em uma única palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Predominantemente endocêntrica
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i>)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produce palavras em série

Fonte: Gonçalves e Andrade (2012).

Conforme sintetizado pelo Quadro 2, a distinção entre Composição e Derivação baseia-se em um conjunto de atributos que definem os polos prototípicos de um continuum morfológico (Gonçalves, 2011a). Tradicionalmente, como já exposto, distinguem-se a composição e a derivação como os dois mecanismos nucleares para a criação de novos itens lexicais. No entanto, abordagens contemporâneas, como as defendidas por Kastovsky (2009), argumentam que essa dicotomia deve ser reinterpretada, de modo que os processos constituam polos prototípicos de um continuum, e não categorias rigidamente separadas. Com efeito, a existência de casos limítrofes, que exibem propriedades de ambas as operações morfológicas, é a principal evidência que sustenta a ideia de uma fronteira maleável entre esses dois mecanismos. Portanto, o entendimento das semelhanças e diferenças entre composição e derivação deve ser realizado à luz das tendências gerais que caracterizam seus respectivos polos prototípicos.

Em primeiro lugar, a natureza das unidades morfológicas envolvidas diverge substancialmente entre os dois processos. A composição, de modo geral, opera pela combinação de radicais e palavras, isto é, formas livres que podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita de uma base (banho-Maria, Maria-mole). Por conseguinte, a variável lexical

Da quimioterapia à cozinhatapia: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

predominante na composição é a palavra, como se observa em guarda-sol, porta-lápis, maria-mole e girassol. Em contrapartida, a derivação requer predominantemente a presença de afixos (prefixos ou sufixos) ou, ainda, de elementos não-nucleares como radicais presos, formas encurtadas ou partes de palavras fundidas.

Ao passo que a derivação é definida pela adjunção de unidades com posição pré-determinada na estrutura da palavra (afixos obedecem a rígidas restrições posicionais, com prefixos antecedendo e sufixos sucedendo a base), as unidades na composição apresentam posição não necessariamente fixa. Além disso, na derivação, a cabeça lexical (o elemento que define a categoria e o gênero da palavra) está sempre à direita, como em batedeira, de modo que -eira confere a categoria substantivo. Por outro lado, na composição, a cabeça lexical pode estar localizada tanto à direita quanto à esquerda. Ademais, a derivação aceita apenas flexão periférica, enquanto a composição pode admitir flexão entre constituintes, como em sextasfeiras. Além disso, a derivação ausenta-se de relação de coordenação entre constituintes, diferentemente da composição, que permite esse tipo de relação (bar-restaurante).

Em seguida, sob o aspecto fonológico, vale pontuar que a diferença entre os processos em questão reside na acentuação e na delimitação prosódica da palavra complexa. A composição se caracteriza pela realização em mais de uma palavra prosódica, como é o caso das construções sexoterapia e rockterapia, nas quais o item morfológicamente complexo é realizado com dois acentos, o que será melhor explorado adiante. O fato de o primeiro constituinte manter vogais médias abertas, sem a neutralização das pretônicas, é um indicativo dessa dupla acentuação. Em contraste, a derivação resulta na realização em uma única palavra prosódica, formando um todo acentual único com a base, a exemplo de ‘caféina’.

No que tange às características semânticas, as distinções ocorrem no nível de conteúdo expresso e na composicionalidade. A composição expressa um significado lexical, ou seja, um conceito denotativo autônomo, e pode ser endocêntrica ou exocêntrica (quando o significado não é a soma das partes). Em oposição, a derivação manifesta um conteúdo mais gramatical ou funcional, sendo predominantemente endocêntrica.

Finalmente, no que diz respeito à produtividade e produção, a composição tende a formar conjuntos mais fechados de palavras e é vista como mais ad hoc, resultando em um grande número de formas manufaturadas. Contudo, a derivação forma conjuntos mais completos de palavras, sendo mais regular e produzindo palavras em série. Em outras palavras, essas diferenças essenciais demonstram que, embora os processos de composição e derivação sejam úteis para a classificação dos polos extremos, devem ser compreendidos como tendências graduais em um continuum morfológico.

4. ANÁLISE DAS FORMAÇÕES X-TERAPIA RECENTES NO CONTINUUM COMPOSIÇÃO-DERIVAÇÃO

Etimologicamente, o formativo -terapia é descrito como forma erudita derivada do grego *therapeia*, conforme apontam os dicionários etimológicos portugueses: em Figueiredo (1913, p. 1955), “terapia” é apresentada como “o mesmo que terapêutica”, sendo explicitamente remetida a *therapeia*; em Nascentes (1966, p. 724), registra-se a origem grega *therapeia*, “por via erudita”. A consulta ao Dicionário Grego-Português (p. 213) permite detalhar o campo semântico do étimo, que abrange, entre outros valores, “cuidado religioso; culto; homenagem (a deuses)”, “cuidado; respeito”, “atenção; solicitude”, “cuidado físico;

Carlos Augusto CARVALHO DE SOUZA

cuidado médico; tratamento (de animais, plantas)” e “preparação de remédio”. Essa rede de sentidos, com destaque para o eixo cuidado/atenção e sua especialização em cuidado médico/tratamento, fundamenta a estabilização, em português, do valor de terapia como ‘tratamento’ ou ‘procedimento terapêutico’, semanticamente contíguo a ‘terapêutica’ e compatível com sua produtividade contemporânea em formações do tipo X-terapia.

O formativo em questão apresenta, conforme já explicitado, diversas nuances que o bipartem em duas categorizações nas gramáticas do Português Brasileiro. Entre as diferenças que -terapia manteve ou transformou está a capacidade de se combinar não somente a bases eruditas – psico-, hidro-, masso-, cardio- etc. – como também a bases não eruditas – choco-, cozinha, beijo, amigo, etc. Em outras palavras, nas formações recentes, percebe-se uma nova formatação morfológica na construção, ou seja, notou-se, talvez devido à atualização semântica sofrida, a ausência da vogal de ligação, tanto a de origem latina (-i-) quanto a de origem grega (-o-), elemento esse que é amplamente empregado nas formações originais (braquiterapia, cinesiterapia, politerapia, quimioterapia, fisioterapia, radioterapia). Além disso, consoante ao que foi informado acima, -terapia adquiriu a capacidade de ligar-se a bases não eruditas, estrangeiras e truncadas.

Em ‘docetepaia’, temos uma formação com uma base não erudita, “doce”, unida diretamente a -terapia, sem vogal de ligação. Essa construção evidencia a expansão combinatória do formativo e seu uso metafórico, sugerindo o consumo de doces como prática de bem-estar. Outro exemplo pode ‘SkateTerapia’. Nesse caso, -terapia associa-se a uma base estrangeira: “Skate”. A junção direta, sem elemento de ligação, revela uma evidência da mudança no estatuto morfológico do formativo, isto é, -terapia adquiriu a capacidade de ligar-se a radicais não-eruditos. Essa formação indica a prática do skate como atividade de bem-estar.

Outra construção com uma palavra inteira na primeira posição é ‘livroterapia’. Tem-se uma formação construída a partir da base comum, livro-, sem vogal de ligação. O termo exemplifica a resignificação de -terapia, que passa a denotar uma prática simbólica (leitura como cuidado emocional), afastando-se do uso técnico tradicional, uma vez que existe a contraparte “biblioterapia”, com a forma presa bibli-.

Mais um caso com a vogal temática da forma nominal é ‘cozinhatapia’. Nesse composto, -terapia combina-se com uma base não erudita, “cozinha”, diretamente, sem vogal de ligação. O termo reflete o uso experiencial do formativo, associado à prática de cozinhar como atividade terapêutica. A mesma vogal, aparece na expressão ‘fruta Terapia’. Nessa ocorrência, observa-se um estágio menos integrado do processo morfológico, com separação gráfica entre os constituintes, ou seja, ocorre uma relação sintática diferente da habitual, com a ocorrência de uma base, “fruta”, separada da outra base, “terapia”.

Exemplo de base terminada em consoante é ‘alcoholterapia’. Há aqui a formação com base lexical vernacular “álcool” e fortemente associada ao campo do bem-estar, uma vez que, tal qual a formação anterior, o novo vocábulo foi usado em alusão ao tratamento terapêutico (vide a Semiótica das seringas), porém num contexto não medicinal, em que a ingestão de bebidas alcoólicas produziria uma sensação de relaxamento.

Passemos ao exemplo de ‘pagodeterapia’. Fonte’. Neste caso, mais uma vez, encontra-se uma base não erudita na formação da palavra que está relacionada à música e à cultura popular: “pagode”. A união desse radical com -terapia denota a ideia de que frequentar festividades desse cunho proporciona ações benéficas ao corpo (tem-se a alusão ao curativo no coração) e à mente, tratando-se, portanto, de uma prática de bem-estar. Do mesmo domínio cognitivo é “sambaterapia. Similar a ‘pagodeterapia’, apresenta-se aqui uma base que nomeia um gênero musical bastante popular, “samba”, associada diretamente a -

Da quimioterapia à cozinhatapia: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

terapia. O termo igualmente evidencia a ampliação do domínio semântico do formativo. Mais uma vez, vê-se o formativo denotando uma prática de bem-estar e não a um tratamento médico.

Outra formação bem recente é “arteterapia”. Aqui, encontra-se uma formação com uma base não erudita, “arte”, e que preserva a vogal temática da base, -e. Pensando nessa nova palavra, percebe-se que a união desse radical ao -terapia denota uma prática de relaxamento a partir da pintura de desenhos. Em “beijoterapia”, percebe-se a formação com base não erudita, “beijo”, adjungida a -terapia novamente sem vogal de ligação (esse -o final é a vogal temática do nome). Essa formação aponta para um uso informal, no qual a prática do beijo é concebida como uma ação que proporciona um relaxamento mental e prazer corporal. Por fim, outra formação bastante recente precisa de contexto para interpretação:

Figura 14. Ocorrência de “Redeterapia”.



Fonte: Facebook

Nessa ocorrência, o substantivo “rede” se aglutina, unido ao formativo -terapia sem qualquer marcador de composto. A formação denota que a prática de deitar-se à rede é concebida como ação terapêutica, isto é, atividade que relaxa o corpo e a mente. Fica, portanto, evidente que as formações recentes apresentadas aqui revelam que a produtividade do formativo -terapia não se limita à replicação de um padrão erudito, uma vez que também se combina a outros tipos de base, mas envolve a criação de novas interpretações semânticas ancoradas em práticas culturais e experiências cotidianas. Esse comportamento sugere que o formativo já se encontra plenamente integrado ao vocabulário comum, não erudito, ainda que preserve traços de sua origem neoclássica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o estatuto morfológico do formativo -terapia no Português Brasileiro contemporâneo, partindo da observação de formações tradicionais da terminologia médico-científica, como quimioterapia, até criações recentes e vernaculares, como cozinhatapia, sambaterapia e beijoterapia. Ao acompanhar esse percurso, buscou-se demonstrar que a mudança semântica e funcional do formativo é um reflexo direto da dinâmica dos processos de formação de palavras e da insuficiência de modelos categóricos rígidos para descrevê-los.

A análise evidenciou que -terapia, originalmente incorporado ao léxico português como elemento neoclássico associado ao domínio técnico da medicina, passou por um processo de ressemantização que ampliou significativamente seu campo de aplicação. O deslocamento do sentido estritamente medicinal para leituras relacionadas ao bem-estar, ao prazer e à experiência subjetiva mostra que o formativo deixou de operar exclusivamente no âmbito especializado, técnico, integrando-se de forma produtiva ao léxico comum. Esse movimento, simbolizado pela passagem da quimioterapia à cozinhatapia, ilustra como a língua reinterpreta e reconfigura seus recursos morfológicos a partir do uso.

Do ponto de vista teórico, os resultados obtidos confirmam a pertinência da abordagem que concebe a composição e a derivação como polos prototípicos de um continuum morfológico. A aplicação sistemática dos dez critérios empíricos propostos por Gonçalves e Andrade (2012) demonstrou que o formativo -terapia apresenta um comportamento híbrido: cinco critérios o aproximam do polo derivacional, enquanto outros cinco o vinculam ao polo composicional. Essa distribuição de traços inviabiliza sua classificação absoluta em qualquer uma das categorias tradicionais, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de modelos graduais para a descrição da morfologia lexical.

Nesse sentido, a proposta de classificar -terapia como afixoide revela-se a solução analítica mais adequada, por reconhecer explicitamente sua natureza limítrofe. Como afixoide, o formativo compartilha propriedades de afixos (como a posição fixa à direita, a alta produtividade e a estabilidade funcional e semântica) e, simultaneamente, mantém características típicas de radicais ou palavras (como a origem livre, a densidade semântica e a projeção de palavra prosódica própria). Essa dupla natureza explica tanto sua capacidade de formar séries regulares quanto sua ampla combinabilidade com bases eruditas, vernaculares, estrangeiras e truncadas.

Além de contribuir para a descrição específica do formativo -terapia, este estudo oferece implicações mais amplas para a morfologia do português. Em primeiro lugar, reforça a ideia de que elementos tradicionalmente rotulados como “de composição” ou “de derivação” podem ocupar posições intermediárias estáveis no inventário lexical, sem que isso represente anomalia. Em segundo lugar, evidencia a necessidade de que gramáticas e dicionários passem a incorporar descrições mais flexíveis desses formativos, capazes de refletir seu comportamento real no uso contemporâneo. Por último, sugere que outros elementos semelhantes, como -mania, -dromo e -cracia, podem beneficiar-se de análises análogas, o que abre caminhos para investigações futuras.

Isto posto, fica evidente que o formativo -terapia constitui um caso emblemático para a compreensão das zonas de transição entre composição e derivação no Português Brasileiro. A análise confirma que os processos de formação de palavras não operam com fronteiras rígidas, mas gradientes. Ao evidenciar essa complexidade, o presente trabalho contribui para uma visão mais dinâmica e empiricamente fundamentada da morfologia lexical, alinhada à criatividade e à vitalidade da língua em uso.

REFERÊNCIAS

Cadernos do NEMP, n. 16, v. 1, 2025, p. 07-20.

Da quimioterapia à cozinhatéria: uma análise do estatuto morfológico do formativo -terapia no português brasileiro

- BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). **Morphology and its Demarcations**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et al. (eds.). **Morphology and its Demarcations**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 109-131, 2005.
- CAETANO, M. C. Formação de Palavras em Português. Os sufixóides e a vulgarização dos formantes eruditos. **Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 517-528, 1995.
- FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. [S.l.], 1913. Disponível em: www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf. Acesso em: 13 fev. 2023.
- GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. **Domínios da Linguagem**, Uberlândia, MG, 5, 2011a.
- GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Vol. 9, n. 5, p. 6-39, nov. 2011b.
- GONÇALVES, C. A. V. Mudança no estatuto morfológico de formativos: evidência de um *continuum* composição-derivação. **Revista SOLETRAS**, v. 29, p. 206-226, 2015.
- HIGINO da SILVA, N. **Diferentes perspectivas sobre o formativo agro-: aspectos históricos, morfológicos e semânticos**. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids. In: R. W. M. et al. (eds.). **Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- LÜDELING, A. **Neoclassical word-formation**. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.
- MARCHAND, H. **The Categories and types of present-day English word-formation**. München: Beck, 1969.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966
- NEVES, M. H. M. **Dicionário grego-português: DGP**. Cotia: Ateliê Editorial. 2007.
- PETROPOULOU, E. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. **Patras Working Papers in Linguistics**. Atenas, 1, p. 40-58, 2009.

- PEREIRA, I. S. J. **Dicionário grego-português/português-grego**. Madrid: Gredos, 1977.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In: Scalise, S. & Vogel, I. (eds.) **CrossDisciplinary Issues in Compounding**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 57-74, 2010.
- ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.). **Cognition and Categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.
- SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor, Ícone, 1988.
- SANDMANN, A. J. **Morfologia geral**. São Paulo: Contexto, 1991.
- SCALISE, S. **Generative Morphology**. Foris: Dordrecht, 1984.
- SCHMIDT, G. D. Das Affixoid: Zur Notwendigkeit und Brauchbarkeit eines beliebten Zwischenbegriffs der Wortbildung. In: GABRIELE, H. (Ed.). **Deutsche Lehnwortbildung**. Tübingen: Narr, 1987. p. 53-101.
- VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. Lisboa: Dicemto, 1994.

Da quimioterapia à cozinhatrapia: uma análise do estatuto morfológico do
formativo -terapia no português brasileiro

FROM QUIMIOTERAPIA TO COZINHATERAPIA: AN ANALYSIS OF THE MORPHOLOGICAL STATUS OF THE FORMATIVE FORMATION -THERAPY IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT *This work aims to present some analyses on the morphological behavior of formations ending in -terapia on the right margin of complex words in Brazilian Portuguese. It is known that the etymology of the formative in question refers to the Greek “θεραπεία”, meaning “cure/treatment” in a medical context, giving rise to compounds such as “αεροθεραπεία” ‘aeroterapia’ and “ακτινοθεραπεία” ‘radioterapia’. During the Renaissance, the languages that developed science in Europe resorted to Greek and Latin roots to establish a unified technical-scientific vocabulary. In this sense, medical manuals used both the root “terapia” and its formative to coin the different treatments available to them. Thus, in Portuguese and other languages, formations such as “chemotherapy,” “music therapy,” and “cardiotherapy” emerged, highlighting their neoclassical compositional characteristics, according to Gonçalves (2011b). However, over the years, the formative term -therapy has moved beyond the technical sphere, presenting a slightly different meaning from the original. In this way, a re-signification of the medicinal character occurs, leading to a new perception of the formative term, which refers to a kind of “mental relaxation, well-being practices.” As examples, we have the recent formations “sex therapy,” “sweet therapy,” “chocolate therapy,” “cooking therapy,” and “samba therapy,” which allude to practices that allow not necessarily medicinal treatment, but rather pleasure. To support this analysis, a corpus of 232 X-therapy-type formations was used. Furthermore, it should be noted in dictionaries and grammars that there is no definitive definition of the formative in question, thus expressing a categorical inconsistency. Therefore, it is necessary to observe the categorization of this morphological unit, subjecting it to the class of affixoids, since it shares properties of both a word and a neoclassical root, thus being halfway between derivation and neoclassical composition.*

KEYWORDS: *X-therapy Formations. Neoclassical Composition. Derivation. Composition-Derivation Continuum. Affixoid.*